
Entre Freud e Jung: a metapsicologia de Sabina Spielrein

Fátima Caropreso

Por um longo período, a contribuição da psicanalista russa Sabina Spielrein (1885-1942) para a história da psicanálise e da psicologia foi praticamente desconhecida. Com a publicação, em 1974, da correspondência entre Freud e Jung, em que é várias vezes mencionada, Spielrein começou a reemergir para a história da psicanálise (OVCHARENKO, 1999). No entanto, o interesse por ela se intensificou, principalmente, após a publicação do livro “Diário de uma secreta simetria: Sabina Spielrein entre Jung e Freud” (CAROTENUTO, 1980), o qual contém um comentário sobre a vida e o pensamento de Spielrein, assim como partes de um diário e algumas cartas que ela enviou a Jung e a Freud.

Embora o interesse por Spielrein tenha se concentrado, inicialmente, em sua biografia, nos últimos anos tem surgido um crescente reconhecimento da importância de seu pensamento teórico e clínico e do seu pioneirismo em várias áreas. Apesar disso, ainda são poucos os trabalhos que se dedicam a uma análise minuciosa de sua teoria, de forma que uma compreensão satisfatória de seu pensamento e uma avaliação mais precisa do papel por ela desempenhado na história das ideias psicológicas ainda não foram plenamente alcançadas.

Em seu primeiro trabalho publicado, intitulado “Sobre o conteúdo psicológico de um caso de esquizofrenia” (SPIELREIN, 1911/2014), a partir da análise dos sintomas de uma paciente esquizofrênica, Spielrein formula algumas hipóteses sobre a esquizofrenia e o funcionamento mental em geral. Em sua publicação seguinte, “A destruição como origem do devir” (SPIELREIN, 1912/2014), a autora dá continuidade às teses apresentadas em seu texto precedente e formula uma concepção metapsicológica mais ampla. O foco de suas investigações, em suas duas primeiras publicações, é a compreensão do “inconsciente” ou do “subconsciente”, como passará a denominá-lo subsequentemente.

Em “O tempo na vida psíquica subliminar” (SPIELREIN, 1923), Spielrein esclarece que o interesse em compreender o subconsciente a levou a investigar o pensamento e a linguagem infantis, pois ela constatou que os processos subscientes apresentam as mesmas características do pensamento infantil. Assim, a partir do artigo “Contribuições para a compreensão da mente infantil” (SPIELREIN, 1912b), publicado logo após seu artigo sobre a destruição de 1912, ela direciona suas investigações, principalmente, para a psicologia infantil, embora continue desenvolvendo suas hipóteses metapsicológicas. Nas cartas que escreve a Jung, entre os anos de 1917 e 1918, suas concepções sobre a dinâmica e a estrutura mental são retomadas e reformuladas. Ela tenta integrar suas próprias hipóteses com concepções defendidas por Freud e Jung, o que tem como resultado uma teoria original, que, de certa forma, situa-se “entre” o pensamento dos dois autores.

Neste texto, abordaremos as características centrais da teoria metapsicológica que Spielrein elaborou em seus dois primeiros textos publicados e nas cartas a Jung do período acima mencionado.

Psique do eu e psique da espécie

Em “Sobre o conteúdo psicológico de um caso de esquizofrenia (*Dementia praecox*)” (SPIELREIN, 1911), Spielrein apresenta o caso de uma paciente com

demência paranoide, tratada por ela no Hospital Burghölzi. Embora se apoie, nesse texto, em hipóteses de Bleuler, Freud, Riklin e outros autores, Jung parece ser a principal influência que atua sobre ela nesse momento. Spielrein baseia-se, sobretudo, nas concepções de Jung sobre os complexos (JUNG, 1906) e em suas hipóteses sobre a demência precoce, apresentadas em “Psicologia da *dementia praecox*: um ensaio” (JUNG, 1907) e em “O conteúdo da psicose” (JUNG, 1908). Ela comenta que Freud e Jung haviam demonstrado a existência de um paralelismo especial entre os fenômenos neuróticos e oníricos e as manifestações da esquizofrenia, mas que ela pode acrescentar dados relevantes ao conceito desses autores, introduzindo uma visão filogenética. Essa “visão filogenética” seria, portanto, sua principal contribuição.

De acordo com as hipóteses de Spielrein (1911), o ser humano possuiria duas vivências, uma consciente e outra inconsciente, e esta última seria a responsável pela criação de uma tonalidade afetiva. Apenas com a união do inconsciente à vivência consciente a última se tornaria uma vivência real. Quando sentimos prazer diante de uma experiência qualquer, temos a impressão de que o sentimento de prazer faz parte do conteúdo atual da representação. No entanto, na verdade, nossa alegria se deve às vivências de nosso passado pessoal e às vivências de nossos ancestrais, explica autora. Ela sustenta, então, que “herdamos também a sedimentação das vivências de nossos ancestrais” (SPIELREIN, 1911, p. 397). Modos de pensamento muito antigos influenciariam nossa consciência do presente.

Spielrein (1911) argumenta que o esquizofrênico parte de seus conflitos presentes, mas, para evitar um sofrimento pessoal, é levado a substituir o mundo externo real por um mundo interno com valor de realidade. Ela reconhece que esse fato já havia sido demonstrado por Jung, no entanto, afirma que o material de sua paciente mostra que esse eu profundo, que se expressa na doença, pertence “a um passado que ultrapassa o âmbito do indivíduo” (SPIELREIN, 1911, p. 397). Na esquizofrenia, o doente inseriria sua vivência presente em um passado, que remeteria às vivências de nossos ancestrais.

Um dos exemplos citados para ilustrar esse fenômeno é a fala de sua paciente “a terra foi perfurada”, a qual significava “eu fui maculada no ato sexual”. Spielrein esclarece que os antigos viam na terra uma mulher poderosa e que, portanto, a paciente falava a língua do pensamento mitológico. Com essa substituição, sua dor é diluída entre as várias representações análogas que abrigamos dentro de nós como herança de nossos ancestrais, argumenta a autora. A mulher, de maneira geral, teria sido maculada e não ela como indivíduo e, nesse processo, as características pessoais seriam eliminadas.

Spielrein (1911) argumenta, então, que o inconsciente dilui o presente no passado. Nele, encontramos algo que seria, ao mesmo tempo, presente, passado e futuro. Em suas palavras:

O inconsciente nos fornece indícios sobre os conflitos pessoais no presente, sobre os conflitos do passado filogenético a partir do qual se originam as vivências pessoais e, eventualmente, sobre o desenvolvimento futuro das coisas, já que o futuro emerge do passado (na verdade, ele é apenas uma forma do passado) (SPIELREIN, 1911, p. 398).

Com os conceitos de “psique do eu” (*Ichpsyche*) e “psique da espécie” (*Artpsyche*), propostos em “A destruição como origem do devir” (SPIELREIN, 1912a), Spielrein continua desenvolvendo as ideias sobre o caráter filogenético do psiquismo que começam a ser esboçadas em 1911. Nesse texto de 1912, dando continuidade às teses anteriormente elaboradas, Spielrein argumenta que pensamentos e representações inconscientes acompanham cada representação ou pensamento consciente e transformam os produtos deste último em uma linguagem específica. Tal processo de transformação é denominado “assimilação” (*Assimilation*) ou “dissolução” (*Auflösung*).

Os conteúdos da consciência se diferenciariam do inconsciente e, nesse último, seriam assimilados ou dissolvidos, o que determinaria a tonalidade emocional de uma experiência. Dessa forma, no inconsciente, cada representação diferenciada seria transformada em um estado indiferenciado. A autora retoma a fala de sua

paciente mencionada anteriormente para exemplificar esse processo. A terra representaria a grande mãe ou a representação inconsciente de todas as pessoas. Nessa grande mãe (o inconsciente), a paciente transformaria a si mesma em sua mãe (terra) indiferenciada.

Spielrein (1912) diferencia entre uma “psique do eu” e outra mais profunda, denominada “psique da espécie”. A primeira conteria o material proveniente de nosso passado individual e a segunda aquele derivado do passado da espécie. Assim, além de conter experiências pessoais, o inconsciente conteria experiências de inúmeras gerações, de forma que a assimilação inconsciente de eventos que tivessem ocorrido em muitas gerações se encaixaria na cadeia de pensamentos do presente, ou seja, transformaria uma experiência do eu em uma experiência da espécie. A autora argumenta que, quanto mais nos aproximamos de nossos pensamentos conscientes, mais diferenciadas são nossas representações, ao passo que, quanto mais penetramos no inconsciente, mais universais e típicas elas se apresentam. Dessa forma, diz ela: “o ângulo da nossa psique não conhece o *eu*, mas apenas seu somatório, o *nós*, ou o eu presente, visto como objeto, é subordinado a outros objetos semelhantes” (SPIELREIN, 1912a, p. 472).

Na época em que Spielrein escreve “A destruição como origem do devir”, a discussão sobre a possibilidade de memórias filogenéticas estava emergindo no âmbito da psicanálise e viria a adquirir importância cada vez maior nos anos seguintes. Contudo, com o conceito de psique da espécie e psique do eu, Spielrein propõe uma concepção original da dinâmica mental e do conflito psíquico e atribui a tais memórias uma importância até então inédita nas hipóteses psicanalíticas sobre o funcionamento mental (CAROPRESO, 2017b).

No apêndice, publicado em 1912, do texto “Notas psicanalíticas sobre um caso de paranoia descrito autobiograficamente”, Freud (1911) diz que o trabalho sobre a esquizofrenia de Spielrein o ajudou a perceber a riqueza simbólica das fantasias e ideias delirantes de Schreber e discernir melhor o pertencimento

de algumas de suas afirmações delirantes ao contexto mitológico. Em “O interesse pela psicanálise” (FREUD, 1913), Freud comenta que, nos últimos anos, psicanalistas como Spielrein, Jung e Abraham haviam percebido que a tese de que a ontogênese é uma repetição da filogênese teria que ser aplicada também à vida anímica. Como aponta Ritvo (1992), nesse mesmo ano, em “Totem e tabu”, Freud desenvolve sua mais famosa e controversa aplicação dessa teoria ao complexo de Édipo, propondo que este seria a recapitulação ontogenética de uma ocorrência real no desenvolvimento da civilização. Nos anos que se seguem, ele continua defendendo esta hipótese. Em sua segunda teoria do aparelho psíquico, apresentada em “O ego e o id”, Freud (1923) sustenta que o Id é composto em parte por aquisições filogenéticas (CAROPRESO, 2017b).

Spielrein, no entanto, atribui um papel mais amplo do que Freud às memórias filogenéticas. Segundo a autora, a psique da espécie herdaria traços de memória de experiências vivenciadas por inúmeras gerações, os quais tenderiam a se sobrepôr ao material proveniente de nossa experiência pessoal. Para ela, essa influência dos conteúdos da espécie sobre nossa consciência atual seria generalizada, uma vez que todas as nossas experiências seriam, em última instância, por eles significadas. Portanto, já em 1912, ela parece atribuir uma importância às memórias filogenéticas, que não encontra paralelo na teoria freudiana (CAROPRESO, 2017b).

Alguns autores apontam a relação existente entre o conceito de “psique da espécie” de Spielrein e o conceito junguiano de inconsciente coletivo. Skea (2006) comenta que a emergência da ideia junguiana de inconsciente coletivo pode ser vista já no texto “Significação do pai”, de 1909, embora tenha se concretizado apenas na segunda parte de “Metamorfozes e símbolos da libido”, publicado em 1912, onde é empregado o termo “modos arcaicos de adaptação”. Contudo, o termo “inconsciente coletivo” foi usado por Jung, pela primeira vez, apenas em “Estrutura do inconsciente”, de 1916, segundo esclarece o autor.

Skea (2006) defende que Spielrein teve uma importante contribuição na então emergente teoria junguiana do inconsciente coletivo¹.

Retornando ao texto de Spielrein (1912), ela sustenta que duas tendências opostas estariam presentes no psiquismo: uma “tendência à dissolução e assimilação” (*Assimilations oder Auflösungstendenzen*) e uma “tendência à diferenciação” (*Differenzierungstendenzen*). Tais tendências seriam expressões psíquicas das pulsões de conservação da espécie (*Arterhaltungstrieb*) e de autoconservação (*Selbsterhaltungstrieb*), respectivamente. Com tais hipóteses, a oposição - ainda sustentada por Freud na época - entre esses dois tipos de pulsões é mantida. No entanto, ela insere o “instinto de morte” (*Todesinstinkt*) no interior do instinto sexual e coloca o primeiro na base da tendência à dissolução e assimilação da psique da espécie².

O instinto de morte, proposto por Spielrein (1912a), corresponderia aos “componentes destrutivos” do instinto sexual (*Sexualinstinkt*), de maneira que esse último instinto conteria tanto componentes destrutivos como reprodutivos. Dessa forma, o instinto de morte seria inerente ao instinto sexual e ambos trabalhariam no sentido da conservação da espécie. O instinto de morte é que daria origem à tendência, à dissolução e assimilação, presente na psique da espécie. Spielrein (1912) defende que não há devir sem destruição, de forma

1 Skea (2006) comenta que, na segunda parte de “Metamorfoses e símbolos da libido”, publicada no mesmo volume do “Jahrbuch” em que o texto de Spielrein sobre a destruição foi publicado, Jung se refere dezessete vezes ao estudo de Spielrein sobre a demência precoce de 1911, citando material do delírio da paciente que ela havia relacionado com o nível mitológico do inconsciente. No entanto, a tradução para o inglês de 1916 e todas as edições subsequentes, culminando em “Símbolos da transformação” (1952), datam incorretamente o texto de Spielrein como sendo de 1912. Tal autor comenta ainda que, embora Jung tenha mantido a maior parte das referências ao trabalho de Spielrein em “Símbolos da transformação”, ele retirou a única referência a ela presente na primeira parte de “Metamorfoses e símbolos da libido”. Nesta referência, ele mencionava a interessante correlação entre formas patológicas e mitológicas reveladas nas investigações analíticas de Spielrein e enfatizava expressamente que ela havia descoberto o simbolismo aí presente através de seu trabalho, independente e sem conexão com suas ideias. Skea (2006) considera que com a hipótese de “psique da espécie”, apresentada em seu texto sobre a destruição, Spielrein antecipa em quatro anos a definição de inconsciente coletivo de Jung e que isso nunca foi reconhecido por ele. Van Waning (1992) também considera que Spielrein antecipou o conceito junguiano de inconsciente coletivo (Caropreso, 2017a).

2 A concepção de Spielrein de “instinto de morte” é bastante diferente da concepção freudiana de pulsão de morte. Uma discussão desses conceitos e dessas diferenças pode ser encontrada em Caropreso (2017a).

que o instinto de morte e a tendência à dissolução seriam condições necessárias para a criação, para o surgimento do novo. A pulsão de autoconservação, por sua vez, não daria origem a nada de novo, uma vez que ela visaria manter o estado presente do Eu. Assim, a autora argumenta que:

A pulsão de autoconservação é uma pulsão simples, composta apenas de um lado positivo, a pulsão de conservação da espécie, que precisa dissolver o antigo para que o novo surja, é composta por um componente positivo e um negativo. A pulsão de conservação da espécie é, por essência, ambivalente; por isso, o estímulo dos componentes positivos provoca, ao mesmo tempo, o estímulo dos componentes negativos, e vice-versa. A pulsão de autoconservação é uma pulsão “estática”, na medida em que deve proteger o indivíduo que já existe contra influências externas. A pulsão de conservação da espécie é uma pulsão “dinâmica” que ansia pela alteração, pela “ressurreição” do indivíduo em uma nova forma. Nenhuma alteração pode acontecer sem o aniquilamento do estado antigo (SPIELREIN, 1912a, p. 490).

Para Spielrein (1912a), portanto, o processo de dissolução seria impulsionado pelo instinto de morte contido na pulsão de preservação da espécie. A tendência à dissolução estaria presente em todo funcionamento mental, embora se manifestasse de forma mais intensa na esquizofrenia. Pode-se dizer que, segundo sua teoria, o conflito estaria presente em dois níveis no funcionamento mental. Haveria, em primeiro lugar, um conflito entre a psique da espécie (e sua tendência à dissolução e assimilação) e a psique do eu (e sua tendência à diferenciação). Este seria expressão da oposição entre os impulsos de autopreservação e aqueles de preservação da espécie. Com isso, o primeiro dualismo pulsional freudiano é mantido, mas Spielrein introduz os componentes filogenéticos e o instinto de morte no interior das pulsões sexuais. Em segundo lugar, haveria um conflito interno ao impulso de preservação das espécies, o qual se daria entre os componentes destrutivos e reprodutivos do mesmo. A exacerbação dos componentes destrutivos do instinto sexual impulsionaria o processo de dissolução que estaria na base da esquizofrenia. Spielrein propõe também que

a neurose resultaria de uma intensificação dos componentes destrutivos do instinto sexual (CAROPRESO, 2017b).

Como dissemos, nas cartas que Spielrein escreve a Jung entre 1917 e 1918 Spielrein continua desenvolvendo suas especulações metapsicológicas. Passemos ao comentário de algumas das ideias que ela elabora nessas cartas.

A teorização metapsicológica de Spielrein nas cartas a Jung

Entre os anos de 1908 e 1919, Spielrein e Jung trocaram uma série de correspondências, nas quais tratavam de questões pessoais e discutiam hipóteses teóricas de ambos, assim como algumas das concepções freudianas. Nas últimas cartas, principalmente nas escritas a partir de 1917, Spielrein propõe algumas concepções sobre a estrutura e a dinâmica da mente, as quais podem ser consideradas como um desenvolvimento de parte das teses que ela elaborara em seus textos de 1911 e 1912 que acabamos de comentar. Pode-se dizer que ela faz uma tentativa de integrar suas concepções com as propostas metapsicológicas de Freud sobre o aparelho psíquico - em particular, com a divisão estabelecida por este entre as instâncias; consciente, pré-consciente e inconsciente. A autora propõe que estas duas últimas instâncias são partes de um domínio psíquico mais amplo, denominado “subconsciente”, e, com isso, formula algumas ideias originais sobre o funcionamento mental.

Tendo em vista as elaborações teóricas de Spielrein, a carta central é a que ela escreve a Jung em 20 de dezembro de 1917, pois nela está presente a exposição mais detalhada de suas concepções sobre a tópica e dinâmica mental. No entanto, as ideias apresentadas nas cartas imediatamente anteriores e posteriores complementam as hipóteses presentes na carta de 20 de dezembro e permitem uma melhor compreensão das mesmas.

Na carta de 20 de dezembro de 1917, Spielrein propõe uma diferenciação na vida mental entre “consciente” (*Bewusstsein*), “subconsciente” (*Unterbewusstsein*),

“pré-consciente” (*Vorbewusstsein*) e “inconsciente” (*Unbewusstsein*). Mais precisamente, as duas últimas instâncias seriam partes diferenciadas do subconsciente, de forma que poderíamos dizer que haveria um domínio consciente e outro subconsciente e que, neste último, seria possível distinguir o subconsciente que corresponderia ao que ela chama de “consciência lateral”, o pré-consciente e o inconsciente³. Em carta a Jung escrita dias antes, em 15 de dezembro de 1917, ela dissera:

No meu escrito “Destrução, etc...”. sempre substituí, ou quis substituir, a expressão *inconsciente* por ‘*subconsciente*’, sem que naquele tempo soubesse que Freud, por ‘inconsciente’, entende algo completamente diferente do que eu queria indicar com o termo ‘subconsciente’. Como aluna do senhor, estava habituada a conceber o inconsciente no sentido do que não é consciente; e só depois me dei conta de que o senhor e Freud entendem duas coisas inteiramente diferentes (SPIELREIN, 1980/1984, p. 131-2).

Na carta de 20 de dezembro de 1917, Spielrein propõe a designação “inconsciente” para o domínio mental que seria alvo do recalque; que teria sido barrado pela censura. O “pré-consciente” seria a agência censuradora. Ela o caracteriza como uma força poderosa que separa, em alguma parte do subconsciente, determinados impulsos infantis, impedindo-os de penetrar na consciência. Assim, pela ação da censura (pré-consciente), surgiria, no subconsciente, o inconsciente como uma área diferenciada e inacessível à consciência.

Seguindo as ideias de Freud, Spielrein pressupõe a existência de uma censura que atuaria sobre desejos derivados de pulsões orgânicas intensas, que entrassem em contradição com nosso eu consciente. Tais desejos – a cujo reconhecimento se

3 Na carta de 15 de dezembro de 1917, ela usa o termo “pré-consciente” de uma forma mais ampla, como abrangendo o que, na carta de 17 de dezembro do mesmo ano, ela especifica como “consciência lateral”. Nesta última carta, ela concebe o pré-consciente de uma forma mais restrita, como consistindo na agência responsável pela censura. Na carta de 6 de janeiro de 1918, ela esclarece que sua terminologia, no que se refere às instâncias psíquicas, é provisória, e diz que a mesma pode vir a ser alterada depois de ter sido discutida com várias pessoas.

oporiam um fortíssimo instinto de autoconservação e desenvolvimento – seriam principalmente aqueles relacionados à sexualidade infantil e ao complexo de Édipo. A autora argumenta que, nos homens normais, esses desejos seriam sublimados, ou seja, a energia dos mesmos seria retirada e transferida para áreas mais elevadas ou para uma atividade amorosa normal. No entanto, existiria sempre um refluxo de energia nessa velha direção, de forma que as marcas da instintualidade infantil em nós não desapareceriam.

Na carta de 20 de dezembro, Spielrein defende que o plano visual da consciência seria extremamente restrito, pois abarcaria uma pequena parte dos processos mentais. Na consciência, estaria presente um tipo de pensamento “direcionado”, oposto ao pensamento “não-direcionado” que caracterizaria o funcionamento mental subconsciente, o qual é chamado também de “pensamento subliminar”.

Como esclarece Vidal (2001), a noção de pensamento “direcionado” e “não-direcionado” foi proposta inicialmente por Jung na segunda parte do texto de “Metamorfoses e símbolos da libido”, de 1912. Para Jung, o pensamento direcionado seria consciente, adaptado à realidade, verbal e conteria relações lógicas. Ele seria governado por uma capacidade representacional superior, o que daria origem ao sentido de direção. O pensamento não direcionado, por sua vez, não seria consciente nem adaptado à realidade; seria subjetivo, simbólico, constituído por uma sucessão de imagens e sentimentos. Para Jung, se tal tipo de pensamento assume uma forma patológica, em especial esquizofrênica, ou se ele se manifesta como sonho, mito ou criação artística, revela um estado de mente infantil enraizado tanto na história individual como no passado da humanidade (VIDAL, 2001)⁴.

Segundo as ideias apresentadas na carta de 20 de dezembro, o pensamento não direcionado ou subliminar emergiria assim que o pensamento direcionado fosse

4 Kerr (1994) aponta que Freud tinha algumas objeções à hipótese de Jung sobre os pensamentos direcionado e não direcionado. Ele não concordava com o contraste apresentado entre os dois tipos de pensamento, o verbal e o simbólico, e escreveu seu próprio trabalho sobre o tema, “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental”, para propor uma visão alternativa sobre os modos de funcionamento psíquico. Spielrein inclui, em sua teoria, as hipóteses a esse respeito de ambos os autores.

enfraquecido pelo cansaço, narcose ou por outros fatores. Spielrein considera que os fenômenos hipnagógicos, descritos por Silberer (1909), constituiriam o primeiro grau do pensamento subliminar e permitiriam compreender algumas de suas características. Diz ela:

A observação dos fenômenos hipnagógicos nos ensina que o curso de pensamentos subliminares representa o curso de pensamentos conscientes com símbolos, e não apenas com símbolos visuais, mas também “símbolos de pensamento” acústicos e dinâmicos etc. *Os símbolos subliminares são mais gerais e arcaicos que os equivalentes do pensamento consciente* (SPIELREIN, 2014, p. 369).

O restante do subconsciente – que não consistisse no inconsciente (recalcado) ou no pré-consciente – é denominado por Spielrein “consciência lateral”. Esta parte do subconsciente seria composta por material relacionado à vida pessoal e por conteúdos pertencentes à espécie. Spielrein argumenta que “precisamos empurrar muitos de nossos “complexos” para o subconsciente, não apenas por falta de tempo, mas também por intolerância, por desconfiança etc. - em resumo, por motivos afetivos pessoais” (SPIELREIN, 2014, p. 370). Desta maneira, alguns complexos seriam excluídos do pensamento direcionado por razões afetivas. Estes, no entanto, ao contrário das representações “inconscientes”, permaneceriam aptos a se tornarem conscientes, diz ela, uma vez que não teriam sido separados do consciente através da censura.

Como explica Cromberg (2014), Spielrein faz uma diferenciação entre *Uterdrückung* (repressão) e *Verdrängung* (recalque). O primeiro mecanismo operaria entre o consciente e o subconsciente (consciência lateral), enquanto o segundo atuaria entre este último e o inconsciente. Tanto a parte subconsciente excluída do pensamento direcionado (alvo da *Uterdrückung*) como a sua parte composta por derivados de instintos censurados (alvo da *Verdrängung*) estariam ligadas à experiência individual. Podemos inferir que aí estaria a “psique do eu”, descrita por Spielrein em 1912. Todavia, o subconsciente conteria também um material que transcenderia a vida individual, de forma que podemos inferir que nele

também estaria contida a “psique da espécie”, proposta em 1912. Na carta de 15 de dezembro de 1917, Spielrein diz que, no subconsciente (consciência lateral), encontramos:

[...] todos os problemas profundamente éticos, os problemas de orientação e toda a sabedoria atávica, que não percebemos porque o nosso consciente é apenas uma partícula pequeníssima deste enorme sistema coordenado, a partícula que nos é necessária a cada momento para nos adaptarmos ao presente (SPIELREIN, 1980/1984, p. 132).

Na carta de 20 de dezembro, a autora afirma que a vida psíquica individual se estende para psique coletiva e argumenta que “o subconsciente tem uma elevada cultura moral já que é um depósito de toda a série histórica da evolução” (SPIELREIN, 2014, p. 373). Adiante, nessa mesma carta, ela diferencia claramente entre um “subconsciente pessoal” e um “subconsciente coletivo”. Em suas palavras:

[...] se estamos em áreas que o consciente tolera, entre coisas mais elevadas, estamos lidando com pensamentos mais elevados ou conflitos afetivos - então nos encontramos no subconsciente pessoal ou coletivo; se, no entanto, surgem coisas arrepiantes que fazem parte das formas pulsionais que sobreviveram, ou algo que, devido a falsas ligações, também pareça arrepiante - então estamos no verdadeiro inconsciente (SPIELREIN, 2014, p. 374).

Assim, na parte do subconsciente correspondente à consciência lateral, seria possível diferenciar entre um subconsciente pessoal – constituído pelo conteúdo excluído do pensamento direcionado – e um subconsciente coletivo – constituído pelo “depósito de toda a série histórica da evolução” (SPIELREIN, 2014, p. 373) e formado, portanto, por hereditariedade, como diz Spielrein na carta a Jung de 6 de janeiro de 1918. No entanto, podemos inferir que também o inconsciente seria de origem pessoal, de forma que, se tentamos relacionar a “psique do eu”, descrita em 1912, com a proposta teórica da carta a Jung de

20 de dezembro, somos conduzidos à conclusão de que, tanto a parte pessoal da consciência lateral quanto o inconsciente (recalcado) corresponderiam à psique do eu, como comentamos acima.

Nas cartas trocadas entre Jung e Spielrein, algumas vezes é discutida a hipótese defendida por Jung de que o inconsciente teria um caráter prospectivo. Esse é um dos principais pontos de discordância de Jung em relação à hipótese freudiana do inconsciente. Na carta de 15 de dezembro de 1917, Spielrein argumenta que esse caráter prospectivo poderia estar presente no subconsciente, mas não no inconsciente freudiano. Diz ela:

Não se pode nem provar nem refutar se o ponto de vista teleológico é justo ou não, porque é uma questão de sentimentos e de fé. Mas não é este o elemento essencial. *Seguramente, no nosso subconsciente, conservamos conselhos, sinais e indicações de direções para a nossa vida futura*; estou de acordo com Goethe quando diz: “Um homem bom é, sempre, no seu obscuro instinto, consciente do caminho certo”. Mas creio que jamais se sublinhará bastante que isto *não* tem lugar no *inconsciente* no sentido de Freud, mas no *subconsciente* (SPIELREIN, 1980/1984, p. 131)⁵.

Essa questão volta a ser discutida na carta que Spielrein escreve a Jung em 6 de janeiro de 1918. Nela, ela reconhece a possibilidade de que o subconsciente seja prospectivo, no entanto, demarca o seu diferencial em relação a Jung, argumentando que, embora provavelmente o subconsciente de toda pessoa seja, até certo ponto, preditivo, não devemos considerá-lo sempre profético. O subconsciente, diz ela, elabora diversas tendências existentes em nós e nos mostra possibilidades e probabilidades que estão suspensas no ar, ou seja, que se acham próximas da realização. No entanto, ele também pode errar; pode ser vítima de sugestão, ou seja, pode ser induzido a buscar a solução de um problema em uma “forma mais elevada” ou “mais baixa”, argumenta a autora. Essa possibilidade de erro e de ser influenciado pela sugestão impe-

⁵ A maior parte das vezes em que Spielrein usa a palavra “subconsciente” sem especificação (consciência lateral, inconsciente, pré-consciente) é possível inferir, a partir do contexto do texto, que ela está se referindo à consciência lateral.

diria, portanto, que sempre lhe fosse atribuído um caráter profético, embora pudéssemos considerá-lo, até certo ponto, preditivo.

Na mesma carta, Spielrein usa sua própria fantasia do Sigfrido – do filho que ela desejava ter com Jung – para exemplificar essa possibilidade de erro do pensamento subconsciente. Segundo ela, por um período, seu subconsciente teria intuído a possibilidade de realização “real” dessa fantasia e a aconselhado a não opor resistência a isso. No entanto, tal realização foi impedida pelas circunstâncias da realidade e, então, seu subconsciente posicionou-se contra a solução “real” do problema e a favor de um caminho sublimatório para solucioná-lo⁶. Deste modo, diz ela: “Se bem que o subconsciente não nos indique uma meta fixa, mas somente resolva os problemas segundo as circunstâncias, indique um caminho, tenha efeito preventivo ou encorajador, etc. – a observação metódica desses fenômenos é de enorme interesse” (SPIELREIN, 1980/1984, p. 148).

A discussão continua na carta de Spielrein com data provável de 27-28 de janeiro de 1918, onde ela reafirma sua crença no significado prospectivo e profético do subconsciente. No entanto, diz considerar necessário levantar as seguintes questões:

O subconsciente é prospectivo em todo homem? Provavelmente, sim. Mas o é, em cada um, na mesma medida? Ou seja: é, por assim dizer, como uma fórmula divina, que cada um possa ler em si mesmo, contanto que o queira? Ou se trata de uma capacidade, como, por exemplo, a inteligência, a qual está desenvolvida nos homens em diferente medida? (SPIELREIN, 1980/1984, p. 157).

A autora não formula uma resposta direta a essas indagações. O que podemos perceber é que ela defende que a parte não recalcada do subconsciente

⁶ Na carta de 27-28 de janeiro de 1918, ela volta a comentar a fantasia de Sigfrido e diz: “Lutei durante anos até que consegui não considerar mais os símbolos do subconsciente de um ponto de vista prospectivo, mas a lhes atribuir apenas o significado de desejos infantis” (SPIELREIN, 1980/1984, p.158). Dessa maneira, ela reconhece que sua fantasia de Sigfrido consistia apenas em uma tentativa de realização de desejos infantis, estando nela ausente o caráter prospectivo.

poderia ter um caráter prospectivo, o qual, contudo, seria influenciado pelas circunstâncias e seria passível de erro, de forma que, apesar de prospectivo, o subconsciente não seria necessariamente profético. Apesar de ser capaz de formular previsões com base nas circunstâncias atuais, o subconsciente, segundo a autora, não seria necessariamente profético, ou seja, não teria necessariamente a capacidade de antecipar algo que, de fato, viesse a acontecer. Ela sugere também que talvez esse caráter prospectivo e profético não fosse igualmente desenvolvido em todas as pessoas.

Considerações finais

Desde suas primeiras publicações, fica claro que Sabina Spielrein elaborou uma teoria bastante original, a partir de suas observações clínicas, de hipóteses freudianas, junguianas, além de outras concepções psicanalíticas. Nas cartas a Jung do período de 1917 a 1918, contudo, ela parece fazer uma tentativa explícita de inserir ideias freudianas e junguianas em uma teoria geral sobre a mente. Nestas cartas, Spielrein tenta integrar algumas das ideias elaboradas em seus textos de 1911 e 1912 com as hipóteses que Freud defendia na época sobre o “aparelho psíquico”, assim como com algumas ideias de Jung. Entre essas ideias, podemos destacar a hipótese do caráter prospectivo do subconsciente, a presença dos dois tipos de pensamentos (direcionado e não direcionado) no funcionamento mental e a existência de material psíquico que transcende às experiências pessoais. O resultado desta tentativa de integração, no entanto, é a formulação de uma teoria original, em muitos aspectos.

Em sua correspondência com Jung, é notável o domínio que Spielrein demonstra sobre a teoria freudiana e a tentativa que ela faz de aproximar o pensamento de Jung e o de Freud, mostrando pontos de convergência entre suas hipóteses e chamando a atenção ao valor de ambas as teorias. Várias vezes, ao longo das cartas, ela busca explicitamente conciliar as concepções dos dois autores e mostrar a Jung que elas não são incompatíveis.

Após a ruptura entre Freud e Jung, Sabina Spielrein manteve contato com ambos (MARCHESE, 2015). Skea (2006) comenta que, na ocasião de tal ruptura, ela se recusou a tomar partido de qualquer um dos lados e continuou insistindo em sua admiração por ambos e manifestando sua esperança em uma reconciliação. Segundo o autor, essa postura fez com que ela fosse vista como junguiana, pelos freudianos, e como freudiana, pelos junguianos, o que gerou rejeição em ambos os grupos e provavelmente contribuiu para que seu trabalho não recebesse a devida importância e reconhecimento.

Apoio: CNPQ- Bolsa de Produtividade em Pesquisa.

Referências

CAROPRESO, F. The death instinct and the mental dimension beyond the pleasure principle in the works of Spielrein and Freud. **International Journal of Psychoanalysis**, Londres, n. 98, p. 1741-1762, 2017a.

_____. O funcionamento mental e as bases ancestrais do psiquismo segundo Sabina Spielrein. **Tempo psicanalítico**, Rio de Janeiro, n. 49, p. 126-151, 2017b.

CAROTENUTO, A. 1980. **A Secret Symmetry, Sabina Spielrein between Jung and Freud**. New York: Pantheon Books, 1984.

CROMBERG, R. U. **Sabina Spielrein: uma pioneira da psicanálise**. São Paulo: Livros da Matriz, 2014.

FREUD, S. 1900. La interpretación de los sueños. In: STRACHEY, J. (Ed.). **Sigmund Freud Obras completas**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1998. v.5. p. 345- 611.

_____. 1913. El interes por el psicoanálisis. In: STRACHEY, J. (Ed.), **Sigmund Freud Obras completas**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1998. v.13. p. 165-192.

_____. 1911. Pontualizaciones psicoanalíticas sobre un caso de paranoia (*Dementia paranoides*) descrito autobiográficamente. In: STRACHEY, J. (Ed.). **Sigmund Freud Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1998. v.12. p. 1-73.

_____. 1923. El yo y el ello. In: STRACHEY, J. (Ed.). **Sigmund Freud Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1998.v.19. p. 1-66.

JUNG, C. G. 1906. Estudos diagnósticos de associações. In: Carneiro, A. S. *et al.* (Eds.). **C.G. Jung Obra completa**. Petrópolis: Editora Vozes, 2011. v. 2. p. 331-361.

JUNG, C. G. 1907. A psicologia da *dementia praecox*: um ensaio. In: Carneiro, A. S. *et al.* (Eds.). **C.G. Jung Obra completa**. Petrópolis: Editora Vozes, 2011. v. 3. p. 9-171.

_____. 1908. O conteúdo da psicose. In CARNEIRO, A. S. *et al.* (Eds.). **C.G. Jung Obra completa**. Petrópolis: Editora Vozes, 2011. v. 3. p.173-224.

_____. The letters of C. G. Jung to Sabina Spielrein. **Journal of Analytical Psychology**, Londres , v. 46, n. 1, p. 173-199, 2001.

KERR, J. **A most dangerous method: the story of Jung, Freud, and Sabina Spielrein**. New York: Alfred A. Knopf, 1993.

MARCHESE, F. J. **Coming into being**: Sabina Spielrein, Jung, Freud, and Psychoanalysis. Toronto: Frank J. Marchese, 2015.

OVCHARENKO, V. Love, psychoanalysis and destruction. **Journal of Analytical Psychology**, Londres, v. 44, n. 3, p. 355-373, 1999.

RITVO, L. B. 1990. **A influência de Darwin sobre Freud**: um conto de duas ciências. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

SILBERER, H. Bericht über eine Methode, gewisse symbolische Halluzinations-Erscheinungen hervorzurufen und zu beobachten. **Jahrbuch für psychoanalytische und psychopathologische Forschungen**, Leipzig, 1, p. 513-525, 1909.

SKEA, B. R. S. Spielrein: out from the shadow of Freud and Jung. **Journal of Analytical Psychology**, London, v. 51, p. 527-552, 2006.

SPIELREIN, S. 1911. Sobre o conteúdo psicológico de um caso de esquizofrenia. In: CROMBERG, R. U. (Ed.). **Sabina Spielrein**: uma pioneira da psicanálise. São Paulo: Livros da Matriz, 2014. p. 127-216.

SPIELREIN, S. 1912a. A destruição como origem do devir. In: CROMBERG, R.U. (Org). **Sabina Spielrein: uma pioneira da psicanálise**. São Paulo: Livros da Matriz, 2014. p. 227-277.

_____. Beiträge zur Kenntnis der kindlichen Seele. **Zentralblatt für Psychoanalyse**, Wiesbaden, v. 3, n. 2, p. 57- 72, 1912b.

_____. 1923. Die Zeit im unterschwelligem Seelenleben. **Imago**, Londres, v. 9, n. 3, p. 300-317, 1923.

_____. 1980. Cartas de Sabina Spielrein a C.G. Jung. In: CAROTENUTO, A. (Ed.). **Diário de uma secreta simetria: Sabina Spielrein entre Jung e Freud**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1984, p. 109-161.

_____. Carta a Jung de 20 de dezembro de 1917. In: CROMBERG, R. U. (Ed.). **Sabina Spielrein: uma pioneira da psicanálise**. São Paulo: Livros da Matriz, 2014. p. 367-375.

VAN WANING, A. The Works of Pioneering Psychoanalyst Sabina Spielrein 'Destruction as a Cause of Coming Into Being'. **International Review of Psycho-Analysis**, Londres, v. 19, p. 399-414, 1992.

VIDAL, F. Sabina Spielrein, Jean Piaget: going their own ways. **Journal of Analytical Psychology**, Londres, v. 46, n. 1, p. 139-153, 2001.